

AMOR ASSIM NUNCA SE VIU: AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO VITÓRIA

A torcida do Vitória não é a maior do estado e não figura nem entre as 10 primeiras no Brasil. No entanto, os rubro-negros sempre foram conhecidos por serem exigentes com relação ao clube e buscam, há muitos anos, poder participar cada vez mais do dia a dia do clube. Desde o início dos anos 2000, torcedores se uniram para montar grupos que tivessem uma voz e pudessem representar os interesses de todos os outros. Assim, surgiram grupos como a Associação Vitória Forte (AVF), a União de Torcedores do Vitória (UTV), o Movimento Somos Mais Vitória (MSMV), entre outros. Com a mudança da diretoria, em 2005, tais grupos passaram a ser mais ouvidos e, a partir de 2010, ganharam o direito de terem representantes dentro do próprio clube, no papel de conselheiros. Assim como estes grupos, as torcidas organizadas do Vitória também ganharam espaço e puderam se aproximar do clube. Os clubes brasileiros, cada vez mais, enxergam os torcedores organizados como empecilhos. Estes, por seu caráter violento, estariam afastando as famílias e os torcedores não organizados dos estádios. Tal premissa implica, inclusive, que a

presença destas agremiações nas arenas atrapalha o desenvolvimento dos programas de sócios: por que pagar uma mensalidade se não é seguro ir aos jogos do meu clube?

Atualmente, as três principais organizadas do Vitória são a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI), a Torcida Camisa 12 do Vitória (C12) e a Torcida Uniformizada Viloucura. Destas, apenas as duas primeiras têm membros no Conselho Deliberativo do clube. De acordo com o presidente do Conselho rubro-negro, o deputado federal José Rocha (PR-BA), a presença destes membros é corroborada pelo estatuto do Vitória. “Todo conselheiro do Vitória tem, por obrigação, que deliberar sobre as políticas do clube de acordo com o Estatuto. O Conselho é uma entidade independente e, como tal, não estabelece nenhuma relação com a diretoria”, explicou Rocha.

De acordo com o artigo 7º do estatuto social do Vitória, que rege os direitos dos associados, todo sócio-torcedor pode votar e ser votado para os cargos eletivos, desde que seja associado há mais de 18 meses, maior de 18 anos e em pleno exercício dos direitos sociais. Qualquer sócio-torcedor pode, também, se posicionar contra o Conselho Diretor em casos que julgue inconvenientes. Todos

eles também podem tomar parte nas Assembleias Gerais, além de apresentar sugestões de interesse social e denunciar regularidades.

Apesar de ser o presidente do Conselho Deliberativo, o parlamentar explicou que não cabe a ele “patrulhar”. “Qualquer associado, independentemente de ser chefe ou não de torcida, tem o direito de se candidatar a uma vaga no Conselho. Esse direito é concedido pelo Estatuto. Cada conselheiro é responsável pelos seus atos, não me cabe patrulhamento”, disse. Enquanto isso, os deveres dos sócios são pagar as mensalidades e taxas em dia, cumprir as determinações do estatuto, respeitar os diretores e associados, evitar manifestações políticas, raciais, religiosas ou classistas, "cooperar, por todos os meios possíveis e lícitos, para que o VITÓRIA alcance os objetivos almejados", além de atender às convocações do clube, entre outros. As punições para os associados que não seguirem o Estatuto vão desde a advertência verbal até a eliminação do clube.

Origem na Bahia

No Brasil, o futebol era, inicialmente, um esporte voltado para a

população mais nobre. Os teóricos que estudam a história da prática futebolística no país, as primeiras partidas foram realizadas em campos espalhados pelas áreas mais nobres de São Paulo. Enquanto a elite paulistana criava – e comandava – os primeiros clubes e as primeiras ligas, o futebol se estendia para a várzea. Enquanto o esporte se expandia, os clubes ainda não eram profissionais. O futebol deixou de ser amador nos anos 1930, sendo que só a partir da década de 20 os principais clubes passaram a contar com a presença de atletas negros e oriundos de áreas menos

privilegiadas das capitais.

“Cada conselheiro é responsável pelos seus atos, não me cabe patrulhamento”

De acordo com o autor Luiz Henrique de Toledo, em seu livro “Torcidas organizadas de futebol”, nas maiores cidades brasileiras, o

esporte refletiu o ritmo de crescente urbanização em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Os clubes que tinham equipes de futebol passaram a se tornar e influenciar a criação de centenas de agremiações, enquanto os campos de várzea ficavam afastados das ligas e dos times da elite. A partir dos anos 30, houve uma maior união entre os clubes maiores e menores, e tal expansão culminou no início das transmissões radiofônicas.

Enquanto isso, na Bahia, o avanço futebolístico não foi diferente. O Esporte

Clube Vitória foi fundado em 1899, em Salvador, mas só adotou o futebol como uma das suas modalidades em 1901. O jornalista Paulo Roberto Leandro explica, em sua tese de doutorado, que o futebol na Bahia também surgiu entre a elite burguesa. No entanto, o Esporte Clube Ypiranga surgiu, nos anos 1920, para abrir as portas do futebol aos trabalhadores e aos negros, o que diversificou mais o estilo de jogar e colocou os clubes burgueses em uma posição difícil. Por conta da dificuldade da alta sociedade baiana em continuar a jogar com estes novos adversários, em 1912, o Vitória afastou-se da primeira entidade que representava os clubes, e só voltou a disputar campeonatos em 1920. O rubro-negro disputou a sua primeira partida de futebol em 13 de setembro de 1902, e desde então, segundo registros da época, já era apoiado pela torcida. O jogo em questão, contra o São Paulo Bahia Football Club, terminou com um triunfo do Vitória por 2 a 0. O duelo, realizado no Campo da Pólvora – antigo Campo dos Mártires – foi acompanhado de perto pelos torcedores. Após um resultado positivo, “foram vivamente aplaudidos, saindo de campo nos braços dos seus admiradores e sob os beijos das ilustres senhorinhas que lá estiveram”, comentou a edição do Correio do Brasil.

As pesquisas apontam que os primeiros torcedores fidelizados surgiram nos anos 40. Alguns deles passaram a se destacar e se tornaram “torcedores-símbolo”, termo utilizado por Toledo para designar aqueles fãs que, de tão assíduos, passaram a se tornar conhecidos e a se identificarem com os clubes. Estes indivíduos eram identificados por suas características e sua assiduidade nos estádios e, a partir daí, passaram a levar consigo ainda mais elementos para apoiar o time. No Rio de Janeiro, Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor ferrenho do Flamengo, passou a levar uma charanga para os jogos do rubro-negro, equipando os torcedores dos clubes com um uniforme e músicas. O sucesso foi tão grande que a charanga passou a ser financiada pelo próprio clube, enquanto os torcedores-símbolo eram cada vez mais prestigiados. Na época, o único objetivo destes primórdios de torcidas organizadas era incentivar o time e vencer os adversários na animação das arquibancadas com bandeiras e músicas, tanto de charangas quanto de baterias. Estas primeiras torcidas ainda eram totalmente vinculadas aos clubes, a membros deste ou ao esforço de algum indivíduo.

Apesar de disputar campeonatos e ser filiado a federações e associações de clubes de futebol, o Vitória só montou uma

equipe totalmente profissional em 1953. Mesmo assim, o clube já tinha a sua parcela de admiradores. A Batucada Rubro-Negra, já extinta, foi uma das primeiras torcidas organizadas do país. Os líderes das torcidas na Bahia eram amplamente reconhecidos pela mídia, principalmente porque as próprias torcidas os reconheciam como representantes, e a sua presença nos estádios era constante. O primeiro torcedor representativo, segundo a tese de Leandro, era conhecido como o Barão de Mococoff. Além de ser considerado “o maior torcedor do Victoria” no início dos anos 40, por causa dele surgiu um bloco de Carnaval que durou até os anos 1980, os Amigos do Barão. Mais de 70 anos depois, o Vitória continua a ganhar o apoio incondicional dos torcedores organizados, embora as circunstâncias tenham mudado um pouco.

Torcida representada no clube

O Leão é o segundo clube em torcida no estado da Bahia e divide os anos em boas e más campanhas a nível nacional. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) em parceria com o jornal Lance!, divulgada em agosto de 2014, a torcida do Vitória é a 14ª maior do país. Os rubro-negros baianos representam 1,3% dos brasileiros, algo em torno dos 2,6 milhões. O rival Bahia é o

12º ao lado do Botafogo (RJ), com 3,4 milhões (representando 1,7% da população). Fundado em 1986 e reinaugurado em 1991, o Estádio Manoel Barradas é o principal mando de campo do Vitória e tem capacidade para 35 mil torcedores. Dentro dele, surgiram e se extinguiram torcidas organizadas e associações entre os rubro-negros com o objetivo de mudar o modo como torciam pelo Vitória. Para o desenvolvimento desta reportagem, selecionei as três principais torcidas rubro-negras: a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI), a Camisa 12 e a Viloucura. As três ocupam pontos distintos na geografia do Barradão em dias de jogos. O posicionamento dos torcedores organizados, segundo a tese de Leandro, “é uma estratégia de ordenamento do espaço físico que produz uma maior sensação de segurança e aconchego”. Os Imbatíveis, quando os jogos são realizados no Barradão, se posicionam no extremo oposto da torcida visitante. A Camisa 12, por sua vez, fica lado a lado com a área reservada aos torcedores adversários; no entanto, não se envolve tanto em conflitos como a sua “irmã” maior. A Viloucura, por sua vez, fica ao lado das cadeiras numeradas, área destinada aos torcedores rubro-negros que pagam mais caro para garantir um conforto

maior e assistir à partida em um assento mais próximo da linha de meio-campo.

De acordo com o livro *Fanatismo Organizado*, do jornalista Eric Luís Carvalho, a primeira morte relacionada à rivalidade entre torcidas organizadas aconteceu em 2006. Hermílio Ribeiro Júnior, membro da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, foi emboscado por supostos membros da Torcida Organizada Bamor (TOB) e assassinado. A violência, no entanto, já era enraizada entre os grupos de torcidas organizadas. Até o final dos anos 90, conforme explica Carvalho, o futebol baiano era dominado pelos torcedores “comuns” e não organizados, embora as principais torcidas até hoje já existissem: a TOB, fundada em 1978, e Os Imbatíveis, de 1997. A rivalidade é um dos principais motivadores de membros de ambas as torcidas; no entanto, cada uma delas é organizada do seu jeito, com estatutos, eleições, disputas internas e políticas. O crescimento dos Imbatíveis, superando a Leões da Fiel como a maior torcida organizada do Vitória, levou a rivalidade a outro nível. As maiores torcidas do estado também mantêm relações distintas com os seus clubes de coração. Enquanto a diretoria do Bahia cortou relações com a

“Nós reduzimos até a quantidade de torcidas do Vitória, de 12 para quatro”

Bamor, o Vitória continua a se aproximar dos Imbatíveis, dando a este grupo cada vez mais força dentro do clube.

As atenções, nesta reportagem, ficarão focadas nas três principais torcidas organizadas. A TUI, ou Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, é a principal força entre os grupos relacionados ao Vitória. A torcida tem um site oficial, uma loja e sede social no centro da cidade, além de páginas de grande porte nas redes sociais. Já a Camisa 12, segunda maior torcida do Leão, não tem tanta informação disponível nas redes.

Talvez devido ao seu número expressivamente menor, a comunicação da C12 não é tão estruturada quanto a dos Imbatíveis: as contas nas redes sociais não têm um número expressivo de seguidores e o site oficial da torcida está fora do ar há meses. A Viloucura, apesar de ter mais integrantes que a Camisa 12, ainda não consegue se estruturar devido às outras obrigações dos seus membros. Por fim, trazemos também informações sobre a União de Torcedores do Vitória. Apesar de não ser uma torcida organizada, esta instituição se mantém com os mesmos objetivos: ajudar a fortalecer o Vitória. Além disso, o grupo engloba membros das três torcidas organizadas, o

que ajuda a formar um ponto de vista mais abrangente.

Federação defende apoio

O ex-presidente Paulo Carneiro comandou o Vitória entre 1991 e 2005, entre o período em que o clube era o EC Vitória e depois, quando foi transformado em uma sociedade anônima (Vitória S/A). Durante este período, a diretoria rubro-negra foi totalmente contra as torcidas organizadas. Sob o comando de Carneiro, o Leão cortou relações com as agremiações, forçando muitas delas à extinção. “Eu passei 16 anos no clube. Não existia nenhum padrão de comportamento com relação às torcidas, talvez como aconteça hoje. As torcidas faziam o papel delas e nós fazíamos o nosso. Não tínhamos nenhuma relação mais estreita. O Vitória não dava nenhum tratamento especial às torcidas organizadas, muito pelo contrário. Nós reduzimos até a quantidade de torcidas do Vitória, de 12 para quatro”, conta o ex-dirigente. Paulo Carneiro acredita que as torcidas organizadas são um dos principais males do futebol brasileiro, e defende que o clube se afaste antes que seja tarde demais. “Controle? Não, tem que acabar! Os estádios modernos não permitem mais

que as torcidas organizadas se agrupem, já que os ingressos são numerados através das cadeiras. No dia em que todos os estádios estiverem bem organizados, as torcidas não vão mais poder ficar juntas durante os jogos, ficar agrupadas. O futebol precisa do torcedor, não da torcida organizada. A torcida organizada não traz nenhum benefício”, avalia.

Ao contrário do ex-dirigente, o presidente da Federação Bahiana de Futebol (FBF), Ednaldo Rodrigues, se mostrou a favor da proximidade que o Vitória estimula com as torcidas organizadas. Em fevereiro de 2009, quando se aproximava o primeiro clássico Ba-Vi do ano, Paulo Carneiro – à época, diretor de futebol do Bahia – defendeu que as partidas fossem realizadas com torcida única. “O objetivo é acabar com a violência, garantir a casa cheia sem agressões ou risco a quem quer que seja. Na Europa já é assim. É uma questão de cultura, de segurança, e espero que o Ministério Público abrace essa proposta que tem um cunho social, valorizar o papel social dos clubes e acabar com a posição dos conservadores”, disse o dirigente à rádio Sociedade.

“As torcidas organizadas não têm vínculo com a Federação”

Quando questionado sobre o assunto, Ednaldo Rodrigues preferiu se abster, alegando que a discussão não cabia à Federação. Em entrevista para esta reportagem, o mandatário da FBF afirmou que o único vínculo entre as torcidas organizadas é a federação e a determinação do Estatuto do Torcedor. “As torcidas organizadas não têm vínculo com a entidade, apenas o que a lei determina. Ao se constituírem, elas têm que encaminhar para os órgãos responsáveis a sua composição, tanto de diretores quanto de associados”, explicou. No restante do país, no entanto, a situação é mais complicada.

A violência entre as torcidas organizadas é um problema sério e que precisa ser discutido ao máximo. Na Bahia, a Polícia Militar, o Ministério Público e as gestões dos dois principais clubes estimulam este diálogo, inclusive com a participação das torcidas nas reuniões que definem o esquema de segurança para os clássicos realizados na capital baiana. No último Ba-Vi de 2014, que aconteceu no dia 21 de setembro, 543 policiais fizeram a segurança no interior e nos arredores da Arena Fonte Nova. De acordo com o site da Federação Bahiana de Futebol, a reunião que definiu o esquema de segurança aconteceu no dia 19 do mesmo mês, dois dias antes da partida. Participaram do encontro representantes do

Batalhão Especializado de Policiamento em Eventos (Bepe), do Comando de Operações Policiais Militares (COPPM), da Transalvador, da Federação Bahiana de Futebol, da Arena Fonte Nova, da CCR (companhia responsável pela administração do metrô), do Bahia, do Vitória e das torcidas Bamor, Viloucura, Camisa 12 e Os Imbatíveis. Na reunião, é definido o trajeto que os membros das organizadas percorrem até o estádio, o horário de saída e chegada, além da escolta policial para evitar conflitos. “É importante manter os eventos futebolísticos em ambientes de paz. Os estádios devem ser frequentados por famílias e sem a prática de qualquer tipo de violência. Temos que mostrar ao mundo que na Bahia futebol se faz sem violência”, disse o tenente coronel Henrique Melo, do Bepe.

Clubes enfrentam organizadas

Em dezembro de 2013, o Conselho Deliberativo do Cruzeiro definiu uma proibição às torcidas organizadas: as agremiações não poderiam mais utilizar a marca do clube. O presidente Gilvan de Pinho Tavares, um dos idealizadores da ação, foi autorizado pelo Conselho a tomar providências com relação à associação da marca do clube celeste aos casos de violência das torcidas Máfia Azul e Pavilhão Independente. Apesar de serem relacionadas ao mesmo clube, as duas

agremiações são rivais e protagonizaram confrontos durante todo o ano que, inclusive, se voltaram contra o próprio clube, que foi punido pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD). Máfia Azul e Pavilhão Independente entraram em confronto nas imediações do Estádio Mineirão no dia 1º de dezembro, acontecimento que forçou o clube a cancelar a festa de comemoração do título do Campeonato Brasileiro.

Ainda em 2013, o clube já havia perdido mandos de campo por conta de atos de vandalismo entre as duas torcidas, por conta de um confronto no clássico contra o Atlético-MG, no Estádio Independência, em Belo Horizonte.

Em São Paulo, no dia 1º de fevereiro de 2014, cerca de 100 torcedores da Gaviões da Fiel invadiram o Centro de Treinamento Joaquim Grava, do Corinthians, para cobrar empenho dos atletas alvinegros. Na confusão, celulares foram furtados, funcionários e jogadores foram agredidos e os atletas ficaram confinados nos vestiários por horas até que a confusão acabasse.

O caso aconteceu na véspera da partida contra a Ponte Preta e o time, que foi convencido pela diretoria a entrar em campo no dia seguinte, em Campinas, foi derrotado por 2 a 1. Em nota divulgada à

imprensa, os atletas corintianos atribuem a invasão a "marginais ligados às torcidas organizadas". "Sabemos também que estes mesmos marginais, infiltrados nas torcidas de todo o país, provocaram mais de 90% das brigas nos estádios nos últimos anos, causaram mortes e afastaram o público e suas famílias dos campos de futebol", diz o pronunciamento dos jogadores. Com a pressão, a diretoria alvinegra resolveu cortar todo tipo de relação com torcidas organizadas, inclusive com a proibição do uso de símbolos oficiais. A medida, no entanto, teria que ser aprovada pelo

Conselho Deliberativo e, desde então, a sugestão do presidente Mário Gobbi não foi acatada.

Em agosto deste mesmo ano, o goleiro Aranha, do Santos, foi vítima de cânticos racistas na Arena do Grêmio provenientes da torcida organizada Geral no Rio Grande do Sul. O clube tricolor foi eliminado da competição após julgamento do Superior Tribunal de Justiça Desportiva e, por conta da reincidência de atitudes racistas nas arquibancadas dias depois, em jogo contra o Bahia, o clube decidiu suspender a organizada por tempo indeterminado. Em nota oficial divulgada na segunda-feira, 1º de setembro, o Grêmio anuncia que a Geral do Grêmio estaria

impedida de “utilizar as marcas de propriedade intelectual do clube”.

No fim de setembro de 2014, o clube paraense Remo decidiu proibir a entrada da Remista nas arquibancadas do Estádio Diogão, em Bragança. Por conta de cenas de violência na partida contra o River-PI pela Série D do Campeonato Brasileiro, o departamento jurídico do clube deve pedir ao Ministério Público a extinção da organizada. Em 2007, as torcidas Remoçada e Terror Bicolor foram extintas por ordem da 1ª Vara da Fazenda da Comarca de Belém, mas voltaram às arquibancadas com outros nomes.

É verdade que, na Bahia, a violência relacionada às torcidas organizadas acontece em um número significativamente menor do que em outros estados do país. No entanto, a questão da violência continua a ser um dos principais empecilhos para uma parceria entre clubes e tais agremiações.

A justificativa, de acordo com o livro “Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas”, de Tarcyanie Cajueiro Santos, é de que tais membros, quando unidos, passam a agir não como indivíduos, mas como uma massa. “Creio que uma possível resposta a essa questão reside no fato de que a rede de sociabilidade formada nesses grupos, eles

próprios se autodenominam família, ultrapassa a paixão pelo clube. Ainda que, o fato de ser torcedor de um time seja, como dizem eles, o principal motivo da associação das pessoas a essas torcidas. Nesse aspecto, o pertencimento e a diferenciação em relação ao restante da sociedade são um dos condicionantes da construção da sociabilidade presentes nesses grupos”. Apesar do histórico violento, algumas torcidas organizadas também desenvolvem papéis sociais importantes, voltados inclusive para a população. Dentro da TUI, por exemplo, existe um Grupo de Ação Social (GAS)

formado por membros da torcida, que realiza campanhas e ações voltadas para as questões sociais. O objetivo desta organização é, segundo o site da organizada, “atender principalmente as pessoas desassistidas pelo poder público ou em situações de risco”. Entre as ações desenvolvidas pelo GAS estão a campanha Todo Rubro-Negro É Sangue Bom, que faz doações de sangue coletivas a cada quatro meses, além de campanhas de doações nos estádios e eventos da torcida. O Sopão Cavernão doa alimentos para centros sociais que passam por dificuldades e distribui sopa para moradores de rua. Já o Rubro-Negro Nota 10 incentiva o estudo para os sócios da torcida que têm idade escolar, oferecendo premiações e

descontos nos produtos da loja, além da arrecadação e distribuição de materiais escolares. Na época das festas de fim de ano, o GAS ajuda na doação de roupas, brinquedos e cestas natalinas para famílias que não têm condições. Por fim, no Dia das Crianças, a TUI promove eventos com brinquedos, animadores e lanches para comunidades carentes em diversos pontos da cidade. Os parceiros dos Imbatíveis nestas campanhas são o próprio Vitória e a Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia (Hemoba).

SOMOS TODOS GUERREIROS, CANTAMOS O JOGO INTEIRO

Torcida Uniformizada Os Imbatíveis: Com o Vitória além da morte

A Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI) foi fundada em 20 de outubro de 1997, por Fábio Menezes, Rubem Marques, Flávio Sá e Marcus Anunciação. A TUI não foi, nem de longe, uma das primeiras torcidas organizadas do Vitória, mas segundo o próprio site oficial da agremiação, surgiu para mostrar “uma postura mais vibrante e presente no dia a dia do Esporte Clube Vitória”. Mais de 17 anos depois, Os Imbatíveis alcançaram o posto de maior torcida organizada relacionada ao rubro-negro e um grande prestígio dentro e fora das arquibancadas do Barradão. Com cerca de dois mil membros cadastrados – e uma página no Facebook que se aproxima dos 83 mil fãs – a TUI se tornou nos últimos anos a principal força entre os fãs do Esporte Clube Vitória. O presidente da organizada, Gabriel Oliveira, assumiu o grupo em 2006, quando o Leão disputava a Série C do Campeonato Brasileiro. Enquanto o clube lutava para retornar à elite do futebol nacional, Os Imbatíveis cresceram e se consolidaram, tanto em estrutura quanto em influência. Enquanto a torcida organizada se fortalecia, o próprio Vitória

passava por mudanças. Quando, no final de 2005, foi sacramentada a derrocada para a disputa da Série C – até então, a última divisão de campeonatos nacionais –, o Vitória passou por uma mudança de diretoria.

Sob o comando do grupo político que permanece à frente do clube até o momento, os rubro-negros voltaram a disputar a primeira divisão do Campeonato Brasileiro, foram vice-campeões da Copa do Brasil em 2010 e figuram no grupo de elite do futebol nacional, apesar da alternância entre boas e más campanhas. A relação do Vitória com Os Imbatíveis, no entanto, vai além da relação entre fã e objeto de admiração.

Gabriel Oliveira, presidente dos organizados, é também um dos membros do Conselho Deliberativo do Vitória e ajuda a levar a voz da torcida à diretoria. Apesar da constante associação das torcidas organizadas à violência nos estádios, o Vitória sempre manteve uma política de apoio mútuo com as agremiações. Enquanto o clube permite uma aproximação das torcidas, os organizados levam a sério o lema “Com o Vitória além da morte, acima de nós só Deus” e acompanham o clube em partidas na Bahia, outros estados e até no exterior.

“Ao longo dos anos, a gente conquistou o respeito de quem está hoje à frente do Vitória”

A existência destes grupos é corroborada pela Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003, que comporta o Estatuto do Torcedor. De acordo com a legislação, os membros de torcidas organizadas devem se responsabilizar por seus atos como associados, enquanto a instituição deve fornecer ao Ministério Público os registros de todos os seus filiados. Para aumentar a repressão à violência nas competições esportivas, a Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010, promoveu alterações no Estatuto de 2003, ao ampliar o rigor da fiscalização dos membros de organizadas. “Considera-

se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de

torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade”, explica o texto da Lei no artigo 2º-A. “Art. 39-A. A torcida organizada que, em evento esportivo, promover tumulto; praticar ou incitar a violência; ou invadir local restrito aos competidores, árbitros, fiscais, dirigentes, organizadores ou jornalistas será impedida, assim como seus associados ou membros, de comparecer a eventos esportivos pelo prazo de até 3 (três) anos. Art. 39-B. A torcida organizada responde civilmente, de

forma objetiva e solidária, pelos danos causados por qualquer dos seus associados ou membros no local do evento esportivo, em suas imediações ou no trajeto de ida e volta para o evento”, prega o texto sancionado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Para não prejudicar a própria torcida e/ou o clube, todo novo integrante assina um termo onde garante ser “rubro-negro autêntico” e “disposto a estar com o E.C. Vitória onde e como ele estiver”. Além disso, todo membro é responsável pelos seus atos como associado.

O fortalecimento quase simultâneo das duas partes levou a uma proximidade incomum entre torcida organizada e clube. “Ao longo dos anos, a gente conquistou o respeito de quem está hoje à frente do Vitória. Desde quando Alexi Portela [Jr., ex-presidente do Vitória] assumiu, ele abriu o clube para a torcida. Para trabalhar, para ajudar, para cobrar, o que for preciso. Foi daí que a gente foi conquistando vaga no conselho, hoje a nossa voz é ativa”, explica Oliveira.

Presidente dos Imbatíveis, Gabriel Oliveira, acredita que uma parceria entre a torcida organizada e o clube beneficia as duas instituições. “Não existe a associação entre clube e torcida, mas deve haver um

respeito, porque nós temos uma vida dedicada ao clube. Tem integrante de torcida organizada que tem mais história no clube do que o próprio presidente. Se o clube não quer ouvir a opinião, não quer que a torcida interfira em decisões, é um direito do presidente que tiver essa autoridade. Mas proibir o uso da marca, essas coisas, é um radicalismo que não leva a lugar nenhum, só faz criar uma antipatia, um afastamento do torcedor”, avalia. Para ele, a relação de amor dos torcedores vai muito além de uma proximidade entre o clube

“Tem integrante de torcida organizada que tem mais história no clube do que o próprio presidente”

e os organizados, ou a presença ou não do escudo do clube nos materiais. “Difícilmente um dirigente vai conseguir acabar com o amor de uma torcida organizada pelo clube. Mas eu não acho que prejudica a esse ponto de acabar uma torcida. Não é nenhum dirigente que vai decidir se a torcida vai existir ou não. Nenhum tem esse poder, não é por aí. Porém, cria um clima que não é saudável para ninguém. Só quem pode acabar com uma torcida organizada são os próprios membros dela, de fora ninguém vai ter essa condição de acabar. E não é um escudo do time que vai mudar o amor da gente pelo clube, são

coisas distintas que não têm ligação”, conclui.

Com a presença de Oliveira no Conselho Deliberativo do Vitória e a má fase vivida pelos rubro-negros no Campeonato Brasileiro em 2014, os torcedores que não fazem parte das torcidas organizadas buscam, com Os Imbatíveis, uma proximidade maior para fazer valer a sua voz na diretoria do clube. No entanto, apesar de protestos contra a má fase, a agremiação não atendeu ao pedido dos outros torcedores e se manteve isenta com relação à diretoria, voltando as suas críticas ao desempenho dos jogadores dentro de campo. “O torcedor muitas vezes critica a diretoria se baseando em informações de uma imprensa que a própria torcida não confia. O torcedor não confia em certos segmentos da imprensa, mas acredita mais nela do que na gente. A gente se sente injustiçado por isso. A gente apoia a diretoria porque conhece o trabalho a fundo, a gente tem acesso às coisas. Não só ao futebol, mas ao departamento médico, divisões de base, funcionários, porteiros... A gente sabe que as pessoas que estão à frente do Vitória hoje são pessoas sérias. Mas pessoas sérias também erram, e esse ano a diretoria errou em muitas coisas, mas também acertou em outras, e a gente cobra. A torcida do Vitória não quer que a gente cobre, quer

que a gente peça a saída do presidente, e a gente não acha que é o momento para isso”, explica.

Exemplo da associação entre a TUI e o Vitória foi a divergência, no início de março, com relação à contratação do atacante Souza. O jogador, que defendia há anos o Bahia, chegou desacreditado ao rubro-negro e, quando contratado, desencadeou uma série de críticas da torcida rubro-negra. Quando o Vitória anunciou a contratação, Os Imbatíveis divulgaram uma nota oficial repudiando a ação da diretoria rubro-negra. “Essa é uma contratação que não nos agrada em absolutamente NADA. Muito pelo contrário, demonstra acomodação do [ex] Diretor de Futebol Raimundo Queiróz, que assumiu a contratação de um jogador encostado, desagregador, descompromissado e em declínio, que além de não vermos nada que possa ser benéfico nessa vinda, ainda ajudou o rival a se livrar de um problema. Lamentamos o consentimento da diretoria sobre esse assunto (sic)”, escreveu o departamento de comunicação da TUI na ocasião. A nota, no entanto, revela outra face da crítica: Os Imbatíveis foram consultados, antes do anúncio da contratação, pela diretoria. “Salientamos que a diretoria, na pessoa do presidente, ouviu Conselheiros, Torcedores e inclusive a nossa Torcida, durante o

processo de contratação. Achamos isso muito válido, porém continuamos com o mesmo posicionamento de quando fomos procurados (sic)", diz o comunicado. Três dias depois, o atleta se reuniu com o próprio Gabriel Oliveira, Carlos Sérgio Falcão, presidente do Vitória, e outros membros da TUI. Após a reunião, a torcida divulgou um posicionamento e garantiu um "voto de confiança" ao jogador. O site oficial do Vitória também noticiou a reunião: "Na conversa, o presidente da Torcida Os Imbatíveis, Gabriel Oliveira, mostrou seu posicionamento quanto à contratação e ouviu o atacante Souza, que prometeu empenho e luta para dar alegrias ao torcedor do Vitória", escreveu a assessoria de comunicação do clube. "Na questão do Souza, a gente foi totalmente contra, porém a diretoria alegou que tinha dificuldades em contratar um centroavante por questão de valores e pediu que a gente apoiasse. Continuamos contra, mas não fizemos nenhuma campanha pela saída do atleta. A exigência que fizemos, em contrapartida, foi que nós mesmos falássemos com o próprio jogador, para não ficar no disse-me-disse. É um respeito que a gente conquistou com a nossa dedicação", disse Gabriel à reportagem.

No dia 4 de setembro, em meio aos maus resultados obtidos pelo Vitória no Campeonato Brasileiro, membros da TUI

protestaram durante os treinamentos do Leão. "Dentro do espírito de democracia que impera no clube, a diretoria rubro-negra liberou o protesto dentro do Estádio Barradão de um grupo de torcedores da organizada Os Imbatíveis, nesta quinta-feira, para uma manifestação pacífica e construtiva em protesto pela situação incômoda que o time do Vitória vive momentaneamente no Brasileiro da Série A", escreveu a assessoria de imprensa do Vitória, em nota divulgada no site oficial. A manifestação aconteceu com gritos de ordem como "Ô jogadores, prestem atenção, para jogar no meu Leão precisa de coração" e, depois das atividades, cinco membros da torcida organizada - incluindo o presidente Gabriel Oliveira - se reuniram com os jogadores Luiz Gustavo, Marcinho e Escudero, além do técnico Ney Franco, o executivo de futebol Marcos Teixeira e o coordenador João Paulo Sampaio. Richarlyson, atleta rubro-negro que não participou do encontro, falou sobre o protesto ao site oficial do clube. "Todo tipo de manifestação pacífica é sempre válido. Sabemos que estamos devendo no Campeonato Brasileiro. Entrega e comprometimento não faltam e não faltarão para nós, jogadores. Queremos e precisamos sempre dos nossos torcedores, pois unidos seremos sempre mais fortes", disse. O técnico Ney Franco pediu aos

torcedores um voto de confiança, enquanto Oliveira manteve o discurso de cobrança. “O momento é realmente revoltante, inadmissível nossa situação no campo, por isso estamos aqui. Da mesma forma que nós, torcedores, damos sangue pelo clube e o apoiamos a vida inteira, exigimos que os jogadores também façam o mesmo. Não aceitaremos mais nenhum resultado que não seja a vitória. Um clube grande como o nosso não pode passar essa situação”, disse, em declaração publicada no site do Vitória.

O jornalista Eric Luís Carvalho, autor do livro *Fanatismo Organizado* (2010) e repórter do site GloboEsporte.com,

acredita que tal liberdade não deveria ser concedida. “Acho que não é saudável que uma torcida organizada tenha esse tipo de influência. Acredito que um torcedor pode participar do clube normalmente, mas a partir do momento em que uma torcida organizada pode impor decisões no clube, isso se torna um problema. Acho que um clube não pode ser refém de ninguém, tem que ser independente, não pode ser refém de uma torcida A, B ou C”, disse, em entrevista. Eric, que já conviveu com torcedores organizados, trata da violência proveniente da rivalidade entre a TUI e a

“Não é saudável que uma torcida organizada tenha esse tipo de influência”

Torcida Organizada Bamor, do Bahia. O jornalista falou sobre a proximidade do Vitória com Os Imbatíveis, enquanto o Bahia se afasta cada vez mais destes grupos. “O Bahia, quando aconteceu a democratização, aumentou o número de sócios e o torcedor comum passou a fazer mais parte do clube. Pode ser que a torcida organizada vá mais para perto do clube, mas apesar de sua importância, ela não seja decisiva. O clube não pode ficar refém da torcida organizada. Tem que existir pelo seu torcedor, independente se é organizado ou não”, avalia. “É importante que essas

duas entidades se distanciem cada vez mais. A torcida organizada também não deve depender do clube, do pagamento de viagens,

acho que a intenção não é essa. A intenção é apoiar a todo instante, mas não tem que ser um apoio comprado. Tem que ser um apoio de paixão”, disse Eric. Gabriel não negou, durante a entrevista, que a torcida recebesse benefícios. Segundo ele, o Vitória dá à TUI viagens e ingressos, mas só quando o clube acredita que o apoio será favorável. “A gente recebeu e às vezes recebe alguns benefícios, mas não existe um acordo. Parte da necessidade do clube. Quando existe a necessidade, é conforme eles querem, como o clube deseja. Os

Imbatíveis vivem disso que você está presenciando: da nossa loja, onde nós vendemos bermudas, uniformes, peças infantis, tudo... Recebemos a mensalidade, e isso sustenta a torcida”, conta. A venda dos materiais é facilitada pela presença da marca do Vitória nas peças, como o escudo e o mascote rubro-negro.

Camisa 12: Menos membros, mais história

A Leões da Fiel, fundada em 1984, era a organizada do Vitória mais antiga em atividade. A Leões conquistou o prêmio de melhor torcida do Brasil pela Revista Placar em 1993, mesmo ano em que o Vitória chegou à final do Campeonato Brasileiro e foi derrotado pelo Palmeiras. O trabalho de Carlisson Raimundo Pereira da Silva, que ficou mais de 18 anos no comando da torcida, foi fundamental para as conquistas fora de campo. Nos anos seguintes, a Leões da Fiel foi patrocinada por empresas como o banco Excel Econômico, a Clínica Ortopédica e Traumatológica (COT), Vitalmed, Fiat, Mesbla Veículos, entre outros. Sérgio Santana assumiu a torcida em 2003, mas por conta de dificuldades financeiras, uniu o grupo à Torcida Jovem Rubro-Negro e juntos fizeram a Camisa

12. Atualmente, Santana divide o comando com André Luis Moreira, que é também o representante da torcida no Conselho Deliberativo do Vitória. Em entrevista, Sérgio explicou que não existe conflito entre o comando da torcida e a presença no Conselho. “No Conselho é diferente, e a gente sabe separar essas situações. Até porque não é só ele [André] que tem opinião, é um todo, tem a diretoria da torcida. Ele tem que representar todo mundo lá dentro, levar os nossos interesses”, explica Santana.

“O papel da organizada é de estar ali acompanhando, torcendo de uma forma disciplinada”

Apesar de ter um número esmagadoramente menor do que Os Imbatíveis e a Viloucura – são cerca de 380 associados –, a Camisa 12 se mantém em uma posição de segunda força principalmente pela história dos seus membros. A mais nova das três é, na verdade, resquício da maior organizada que o Vitória já teve, em uma época que as torcidas ainda eram premiadas e patrocinadas, antes de se tornarem um problema nas arenas brasileiras. O presidente da Federação Bahiana de Futebol, entidade que já premiou a Leões da Fiel por seu desempenho nas arquibancadas, afirmou que a disciplina deve ser um dos principais objetivos das organizadas. Só assim elas

conseguirão mais espaço para desenvolver os seus trabalhos. “Nós não temos gerência sobre o assunto, mas o que é dentro da disciplina é importante. O papel da organizada é de estar ali acompanhando, torcendo de uma forma disciplinada. Se não tem conflito com outro adversário, não existe problema. No meu ponto de vista, a torcida organizada é importante porque ela acompanha o time em jogos distantes e isso dá uma força para os atletas que estão jogando”, disse. Segundo Santana, um dos maiores empecilhos para uma melhoria da relação entre o Vitória e as organizadas seria uma visão retrógrada da entidade por conselheiros mais antigos.

“O Vitória tem um grupo de conselheiros novos que têm uma mentalidade diferente dos mais antigos. Os antigos são mais próximos do presidente, aceitam muito aquela situação. Eu acho que essa questão vai ganhar muita força ainda, a oposição, aquela que vê algo de errado e protesta... A gente deu um voto de confiança, na verdade, por isso que você não está vendo aquela relação negativa com a presidência”, relatou. A Camisa 12, como as outras torcidas, tem a liberdade de se reunir com a diretoria rubro-negra; no entanto, o grupo precisa passar por outro setor antes de se dirigir ao presidente. “Nós temos que entrar em contato com eles para marcar uma reunião quando a gente acha

que tem que ter. Não é uma coisa de acordo, mas a gente pede as reuniões para esse setor específico”, disse. As torcidas organizadas do Vitória recebem benefícios do clube, mas segundo Sérgio, os membros das torcidas organizadas podem apenas pagar mais barato pelos ingressos. “Nós, das torcidas organizadas, solicitamos ao Vitória que fossem cobrados valores nos ingressos, mas que fossem valores diferenciados. Tem muita gente que não tem condições de estar lá. A gente busca que estejam lá no dia a dia, tocando, colocando faixa e bandeira. O Vitória sempre manteve uma relação diferente do que aquilo que os outros clubes praticam”, revelou. “A Camisa 12 é uma torcida diferente porque todo mundo trabalha, então a gente não tem tanto tempo para dedicar à torcida. A gente faz o movimento da torcida em prol do Vitória, porque a gente gosta do Vitória e acha que vai mudar alguma coisa, e essa é a contribuição que a gente pode dar”, diz ele.

Assim como as suas companheiras, a Camisa 12 tem o direito de usar a marca do Vitória em seus materiais, o que permite que a torcida consiga se manter com a venda de materiais. Para Santana, a relação de proximidade é benéfica tanto para o rubro-negro, que tem o apoio e o embalo da torcida nos jogos, quanto para a própria torcida, que não precisa de recursos do

clube para se manter. No entanto, assim como as outras torcidas, a Camisa 12 está sujeita a críticas dos torcedores não organizados, que afirmam que o grupo está “preso” à diretoria e, por isso, não pode criticar a atuação do presidente. “Antes de tudo, você tem que ser consciente. O torcedor quer resultado o tempo todo, independente de qualquer coisa. Você não pode ir de encontro. Você vê alguns clubes que têm orçamentos, um repasse de cotas de TV de R\$ 180 milhões, R\$ 200 milhões... Hoje, os clubes do Nordeste têm um repasse bem menor, de R\$ 35 milhões, ficando em torno dos R\$ 40 milhões com o pay-per-view. Então é bem complicado você cobrar de uma certa forma. Mas a partir do momento em que você busca reforços, tenta mudar o clube de qualquer forma, é válida essa cobrança. Quando a gente abre a mente para isso aí, vê as coisas de um jeito diferente. Não é porque o Vitória está próximo da gente que a gente não vai cobrar dele. Se a gente acredita que tem algo errado, a gente vai cobrar sim, independente de qualquer coisa”, explicou.

Viloucura: sem um representante, com os mesmos direitos

“Não é porque o Vitória está próximo da gente que a gente não vai cobrar dele”

A Viloucura, ao contrário de suas irmãs “maiores”, não tem um integrante no Conselho Deliberativo do Vitória. Segundo o presidente Silvio Moreira, em entrevista à reportagem, não houve a oportunidade de a torcida ser representada. No entanto, a falta de um emissário não deixa a torcida, que existe desde 1998, de fora do dia a dia do clube. “Nós sempre tivemos uma proximidade com a diretoria e com o presidente [do Vitória, Carlos Falcão]. Mesmo sem esse representante, nós usamos essa relação principalmente para sanar dúvidas dos nossos associados em questões relacionadas ao clube, e mantemos uma boa relação. Nós somos ouvidos”, explicou. A Viloucura tem quase dois mil associados e, para continuar em atividade, monta parcerias com patrocinadores e aproveita os benefícios fornecidos pelo rubro-negro, principalmente na forma de ingressos. “Nós não só recebemos benefícios dados pelo clube, mas também de parceiros da torcida. Uma torcida organizada precisa de patrocinadores, senão não poderá desenvolver o seu trabalho, que é apoiar o time, durante os campeonatos. Na verdade, ninguém consegue sobreviver sem parceiros”, contou Moreira. A busca pelas parcerias já levou, inclusive, a momentos

de conflito com o Leão. Em abril de 2013, o presidente e membros da Viloucura protestaram durante um treino do Vitória porque a diretoria resolveu não fornecer uma carga de ingressos à torcida organizada para o clássico contra o Bahia, que aconteceria dias depois. Em entrevista ao site Metro1, Moreira e o diretor de arquibancadas, Michel Silva, explicaram que a gestão rubro-negra não fornecia ingressos para as partidas realizadas na Arena Fonte Nova, mas pediam que a política fosse revista para que a torcida pudesse apoiar o time nas arquibancadas.

“A gente sabe muito bem a política do clube com a Arena Fonte Nova, mas peço ao nosso dirigente que repense o assunto, pois o lugar da gente é no Barradão”, disse Moreira, de acordo com o site.

A Viloucura é vista como uma terceira força dentre as torcidas organizadas do Vitória e, de acordo com Moreira, o tamanho das torcidas determina o grau de atenção da diretoria rubro-negra. “É claro que a torcida maior vai ter, conseqüentemente, uma maior influência no clube. Mas mesmo que Os Imbatíveis e a Camisa 12 sejam maiores, nós somos tratados como todas as outras. Seja uma torcida pequena ou não, o presidente

Falcão se importa com aqueles torcedores que são comprometidos com o clube e fazem um trabalho sério. Na Viloucura, nós temos muita dedicação e toda a nossa contribuição é visando o sucesso do nosso Vitória”, declarou. Moreira é a favor da vinculação da torcida organizada ao clube, inclusive com uma profissionalização maior para mediar as conversas entre torcedores e diretoria. Para ele, os dirigentes do clube precisam se preocupar com outros fatores que não as torcidas organizadas, mas a agremiação poderia ter uma representação mais profissional dentro

da gestão. Não seria, como no caso do Conselho Deliberativo, um integrante para participar das decisões e discussões do clube, mas

sim um profissional que formasse um elo mais forte com as organizadas. “No caso do Vitória, o presidente tem muitas atribuições e precisa se preocupar com outras coisas que não o controle dessa parte da torcida. Ele poderia, sim, criar um cargo dentro do clube que passasse a estabelecer normas a serem cumpridas pelas organizadas. Neste caso, haveria uma profissionalização das organizadas dentro do clube, o que deixaria as duas partes ainda mais próximas”, defendeu.

“É claro que a torcida maior vai ter uma maior influência no clube”

Mesmo sem representante entre os 300 conselheiros, Silvio acredita que a presença de torcedores organizados no dia a dia do clube leva benefícios. Assim como Gabriel Oliveira, dos Imbatíveis, ele compara a diretoria atual do Vitória com o grupo político anterior. "Isso dá uma margem de aproximação ao presidente que não havia nas gestões anteriores, era algo muito vago. Os antigos dirigentes acreditavam que o lugar de torcedor é na arquibancada, e são eles que tomam as decisões do clube. Acho que houve um avanço para nós, líderes de torcidas organizadas, e agora nós podemos opinar e ajudar o Vitória da melhor forma possível. Agora nós conhecemos as dificuldades dos jogadores e podemos levar o nosso apoio também para dentro de campo", celebra.

Apesar de ter um alto número de membros, a Viloucura não tem um representante no Conselho Deliberativo. De acordo com o presidente da torcida organizada, Silvio Moreira, o grupo não conseguiu eleger um conselheiro para exercer a função. No entanto, mesmo de fora das principais decisões, a agremiação segue a política de proximidade com a diretoria rubro-negra. "Nós sempre tivemos uma proximidade com a diretoria e o presidente do Vitória, Carlos Falcão. Nós usamos essa relação principalmente para sanar dúvidas dos nossos associados

em questões relacionadas ao clube", explicou Moreira. Segundo ele, apesar de a Viloucura não ter a mesma influência política que as outras torcidas, o presidente e os diretores do Vitória sempre estão dispostos a receber os representantes do grupo para discutir propostas. "É claro que a torcida maior vai ter, conseqüentemente, uma maior influência no clube. Mesmo que Os Imbatíveis e a Camisa 12 sejam maiores, nós somos tratados como todas as outras. Seja pequena ou grande, o presidente Falcão se importa com aqueles que são comprometidos com o clube e fazem um trabalho sério. Na Viloucura, nós temos muita dedicação e toda a nossa contribuição é visando o sucesso do nosso Vitória", avaliou.

Apesar da falta de alguém para participar da tomada de decisões, a torcida é filiada à União de Torcedores do Vitória (UTV). O grupo, autônomo, busca reunir todos os universos relacionados ao clube rubro-negro, e o seu presidente, Moisés Almeida, é um membro do Conselho Deliberativo e mantém reuniões constantes com a diretoria do Vitória para defender os interesses da torcida, organizada ou não.

UTV e AVF: parceria para fortalecer as instituições

A União de Torcedores do Vitória (UTV) foi fundada em 2005, quando o

clube enfrentava uma crise após o rebaixamento para a Série C do Campeonato Brasileiro. O grupo, de acordo com a descrição do próprio site oficial, “busca identificar, manter e divulgar os valores fundamentais que devem nortear o comportamento dos torcedores do Vitória”. Segundo o estatuto do grupo, a UTV é composta por torcedores, simpatizantes e entidades representantes das diversas categorias entre os torcedores do Vitória. Apesar de manter uma relação de cordialidade com a diretoria rubro-negra, de acordo com o presidente e fundador

Moisés Almeida, a UTV é uma entidade independente.

“Nós temos uma relação, uma proximidade institucional. São duas entidades: o clube, e uma entidade que surge do amor que algumas pessoas sentem pelo clube. Mas não existe uma relação de dependência. A UTV é livre para fazer as críticas, observações e elogios”, explicou, em entrevista. Além do presidente Moisés Almeida, outros membros da União são conselheiros do Vitória. Membros da diretoria do grupo também fazem parte de torcidas organizadas e outras agremiações relacionadas ao clube. “A UTV, como União dos Torcedores do Vitória, não é

uma facção. Logo, ela contempla todo o universo dos torcedores do Esporte Clube Vitória. Na nossa diretoria, só para citar, nós temos diretores de diversas entidades e torcidas organizadas. Por exemplo: o presidente da Viloucura, Silvio Moreira, é um dos nossos diretores. Ricardo Bocão, um dos diretores da TUI, também é do nosso quadro. Isso mostra a permeabilidade da UTV, que perpassa por quase todos os canais, entidades e grupos que existem relacionados ao Vitória. Só para complementar, existem conselheiros que são da UTV”, contou.

“A UTV é livre para fazer as críticas, observações e elogios”

Além da União, outros grupos buscam representar segmentos da torcida rubro-negra. A Associação Vitória Forte (AVF) foi fundada por torcedores após a queda do Vitória para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, em 2004. Ao contrário da UTV, o foco da AVF é realizar ações pelo benefício do Vitória. As ações do grupo começaram pelos jogadores das divisões de base, mas também se estenderam até o time profissional, inclusive com prêmios para jogadores de destaque. Desde 2009, no entanto, a associação não se mostra ativa no meio e, por isso, não foi uma das escolhidas para ser retratada nesta reportagem. Já os movimentos Somos Mais Vitória e Vitória

Livre são grupos fundados por torcedores para fazer uma oposição à diretoria rubro-negra. Estes grupos são apenas políticos e não são considerados instituições. Portanto, não foram escolhidos para o desenvolvimento deste trabalho.

Atualmente, a organização não é aberta para a filiação de membros externos, mas a situação deve mudar em breve. Mesmo assim, a União tem acesso aos treinos e jogos do Vitória, inclusive com cotas de ingressos. A própria entidade é a favor da proximidade entre a diretoria e as torcidas organizadas. Moisés, conselheiro do Vitória há anos, sugeriu que o clube convidasse representantes das organizadas para estabelecer um diálogo maior. “Essa foi uma conquista nossa, da UTV. Há anos atrás, não havia representantes das torcidas organizadas dentro do Conselho. A UTV foi convidada a participar e sugeriram o meu nome como conselheiro. Na minha posição, fiz o Conselho e o presidente Alexi Portela verem que deveríamos ter representantes das torcidas organizadas. E assim foi feito. Hoje nós temos Os Imbatíveis, a Camisa 12 e outras entidades na composição”, relatou. A UTV se mantém, atualmente, com verbas de ações promovidas em dias de jogos e vendas de materiais, que

“O Vitória como ‘mãe’, gestora, deveria cuidar, estar mais próximo”

também utilizam a marca do Vitória. Entre os projetos da União estão o Expresso UTV Barradão, que percorre a cidade com ônibus para levar os torcedores ao estádio em dias de jogos. Além das ações e vendas de materiais e rifas, a UTV é patrocinada por pequenas empresas para manter um programa de rádio (Rugido do Leão, na Rádio Cem) e a própria organização. Tais patrocinadores financiam parte dos projetos em troca de espaço na propaganda de rádio e nos banners das ações. Apesar de ser uma entidade independente, a União acredita em uma proximidade ainda maior entre as torcidas e os clubes. “Acho que essa relação ainda é muito falha, muito pouca. O Esporte Clube Vitória como ‘mãe’, gestora desse universo de pessoas, entidades, deveria cuidar, estar mais próximo, atender, ouvir, ajudar. São diversas as demandas, as carências, e muitas vezes o Vitória está fechado para essas necessidades que os grupos, como as torcidas organizadas, têm. Acho que a forma de fortalecer a nossa torcida é com o apoio do Vitória. Eu não falo em bancar nada, falo em apoio institucional mesmo. Estar próximo, criar projetos em conjunto, você vê que isso quase não existe. A UTV é quem faz alguns projetos e convida a direção do Vitória, como é o caso do

seminário que a gente faz com os torcedores, de reuniões constantes que a gente faz com a presidência e leva grupos de torcedores para participar... Mas a diretoria do Vitória, e eu falo diretoria como um todo, deveria ficar mais próxima das torcidas organizadas”, opina Moisés Almeida.

O presidente da UTV também é a favor do diálogo entre a torcida e o clube com relação aos casos de violência relacionados a estes grupos. Apesar de não ser uma torcida organizada, a União apoia esta proximidade entre a presidência e estes grupos. Almeida acredita que, embora o Vitória tenha avançado muito nas questões de relação com as instituições criadas em torno do próprio clube, a gestão rubro-negra ainda tem muito a desenvolver se quiser alcançar um nível maior de proximidade com os fãs. “Eu não vejo dessa forma. Primeiro porque eu não vejo essa violência toda, pelo menos aqui na Bahia. Eu vejo uma violência localizada, que deveria ser trabalhada, acompanhada, e não é. De vez em quando, eclode uma situação que chama a atenção da população em nível estadual ou nacional, mas você não tem uma violência sistemática, aberta, difundida. É localizada, então se deve

“O clube deve criar mecanismos para fazer esse controle. Não é difícil”

monitorar esses grupos que potencializam essas agressões, essa rivalidade que extrapola o torcer e vai para a agressão física, até morte. Eu vejo que carece de um trabalho de acompanhamento, de orientação, de estímulo a trabalhos sociais e voluntários, de trabalhos dentro do próprio Vitória para tirar a juventude desse viés que é a violência. Mas isso é um problema internacional, a violência perpassa o mundo do futebol. Você vai em um show, tem violência, nesses lugares tem violência. E no futebol não seria diferente, já que ele potencializa a questão da paixão "louca". Então eu acredito que, se os clubes e órgãos constituídos tiverem uma atenção, um acompanhamento até com gente monitorando, essa situação seria bem mais amena”, opina. Para ele, o clube, como centro das atenções destas agremiações, tem o poder para criar mecanismos de controle que possam ajudar as torcidas organizadas a se manter longe desses casos, atraindo inclusive mais integrantes para esses grupos e mais pessoas para o estádio, o que beneficiaria as duas instituições. “Eu acho que o clube deve criar instrumentos e mecanismos para fazer esse controle. Não é difícil. A torcida tem que estar junto, tem que fazer parte,

pois leva o nome do Esporte Clube Vitória, o escudo do Esporte Clube Vitória, então ela tem como dever de ofício fazer parte dessa estrutura. Quem sabe, indicar um diretor ou colocar um diretor no Conselho, já que a gente tem reuniões periódicas... Enfim, um mecanismo que possa estar acompanhando”, aponta.

VITÓRIA PARA SEMPRE É O QUE NÓS IREMOS SER

Depois de uma gestão duradoura e conturbada com relação às torcidas organizadas, o Vitória e estas agremiações convivem em paz. Em 2010, nas penúltimas eleições, a chapa vencedora foi composta por 300 conselheiros, como prevê o estatuto do clube. Entre os nomes, porém, estavam representantes de segmentos que nunca foram ouvidos – pelo menos, não oficialmente – e que compõem parte da torcida rubro-negra. Desde então, o Vitória ampliou as formas de diálogo com as torcidas e entidades relacionadas ao próprio clube. O Leão segue em sentido contrário aos outros clubes brasileiros, que abandonaram o diálogo e cortaram relações com as organizadas, ou pelo menos pensaram na possibilidade. Em entrevista, o presidente Carlos Falcão afirmou que esta relação não é permanente. “Enquanto as atitudes destes torcedores forem pacíficas e tiverem, como objetivo, apenas o fortalecimento do Vitória, não existe razão para um afastamento”, explica. De acordo com o dirigente rubro-negro, a presença destes membros é encorajada apenas nos dias de jogos e treinos. “A presença deles é limitada aos dias de jogos e, às vezes, em treinos. É o mesmo tratamento dado a torcedores que

frequentam os treinos e apoiam o time nos dias de jogos”, avaliou.

No mês de abril, o “puxador” da TUI foi assassinado em Salvador. O crime, de acordo com os investigadores, não foi relacionado à rivalidade entre torcidas organizadas, embora o acusado dos disparos fosse integrante da Bamor. Cerca de quatro horas depois, o Vitória divulgou uma nota oficial lamentando o ocorrido e solidarizando-se com a família do torcedor. No dia seguinte, de novo por meio do seu site oficial, o clube solicitou o empenho da Polícia Civil nas investigações. “A nação rubro-negra recebeu consternada a notícia sobre o brutal assassinato do jovem torcedor Lucas dos Santos Lima (Chapolin), diretor da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis, que desde a sua fundação apoia de forma vibrante e apaixonada o Esporte Clube Vitória. Assim, na qualidade de presidente do clube, venho solicitar a Vossa Senhoria que todos os esforços sejam utilizados pela nossa Polícia Civil para que os responsáveis por esse crime sejam rapidamente identificados, presos e colocados à disposição da Justiça. Manifesto também minha confiança de que haverá, por parte de todos os envolvidos, o máximo empenho para a rápida solução

desse bárbaro homicídio”. Durante a entrevista, o presidente garantiu que o Vitória não se envolve com casos de violência relacionados às organizadas, a não ser que os casos ocorram nas dependências do clube. “Se estes eventos acontecem no nosso estádio, então nós nos envolvemos. No entanto, este tipo de problema não vem ocorrendo nos últimos anos. Fora do estádio, nós entendemos que é uma questão de segurança pública e cabível à Polícia Militar”, revelou.

“Se estes eventos violentos acontecem no nosso estádio, então nós nos envolvemos”

O presidente Falcão garante que a relação com as torcidas organizadas é puramente institucional. No entanto, como já atestaram os dirigentes das organizadas, sempre que estes precisam de uma consulta, a diretoria se coloca à disposição dos torcedores. “Sempre que nos é solicitado, nós nos esforçamos para atender os líderes destas torcidas. Nós estamos dispostos a ouvir críticas e sugestões, tanto que em 2010 convidamos os presidentes da União dos Torcedores do Vitória, Associação Vitória Forte, Os Imbatíveis e Camisa 12, para participarem do Conselho Deliberativo. Todos estes cumpriam o requisito e eram sócios do Sou Mais Vitória”, conta. O presidente da TUI, Gabriel Oliveira, falou sobre as obrigações de cada conselheiro,

inclusive com relação às finanças. “Na verdade, as pessoas criticam muitas vezes coisas que elas não sabem. Para você ser conselheiro, você tem que ser sócio, então daí você já paga. Você tem que ter um ano e meio, no mínimo. Depois que você passa a ser conselheiro, você continua a pagar o seu sócio e paga mais R\$ 100 do conselho. Para você ser conselheiro, tem que gastar, no mínimo, R\$ 150 por mês. O torcedor acha que a pessoa, para ser conselheiro, recebe e é comprado. Na verdade, é o contrário. O conselheiro é quem paga”, explanou. De acordo com o estatuto do clube, todo sócio-torcedor está apto a se candidatar a uma vaga no Conselho Deliberativo, desde que este seja associado ao clube há mais de 18 meses e se mantenha em dia com as suas obrigações.

De acordo com Falcão, a proximidade com a torcida organizada funciona, principalmente, porque os torcedores mantêm o “respeito” à instituição e ao patrimônio do clube. No entanto, esta relação não seria uma forma de manter o controle sobre as organizadas. “Enquanto houver o comportamento pacífico e respeitador das torcidas com o clube, o seu patrimônio e a sua diretoria, nós continuaremos a nos aproximar”,

“Nós não damos apoio ou benefícios financeiros ou em forma de viagens para estes associados”

declarou. Uma das provas deste relacionamento é a cessão de ingressos para que as organizadas possam comparecer em peso às partidas do Vitória. No entanto, tanto os líderes das torcidas quanto o mandatário rubro-negro garantem que a prática não é constante. Segundo Gabriel Oliveira, dos Imbatíveis, a torcida só recebe ingressos do clube quando a iniciativa parte dos próprios dirigentes, enquanto Silvio Moreira e Sérgio Santana admitem que solicitam cotas de ingressos para levar um número maior de integrantes aos estádios. Segundo Falcão, a iniciativa parte dos torcedores. “Nós fornecemos ingressos esporadicamente. Só quando eles são solicitados ou em casos específicos, e a depender do jogo a necessidade pode ocorrer. Mas nós não damos apoio ou benefícios financeiros ou em forma de viagens para estes associados”, disse.

Os protestos das torcidas contra a má situação do Vitória no Campeonato Brasileiro de 2014 também não são levados em consideração pela diretoria ao definir ou não o apoio às instituições. Falcão garantiu que os protestos, desde que não manchem a imagem do clube como instituição, são um direito dos torcedores e

associados. “Os Imbatíveis, esse ano, não protestam contra o clube, e sim contra o mau desempenho do time em campo. Nós entendemos as razões dos torcedores e concordamos que, como os protestos foram conduzidos de forma pacífica, isso não interfere em nada na relação dos torcedores com o clube”, relatou. Apesar das notas divulgadas pela Torcida Uniformizada Os Imbatíveis na época da contratação do atacante Souza, o presidente negou veementemente que os líderes de torcidas tenham sido consultados. Segundo Falcão, tal prática não faz parte da política do clube. “Nunca houve algo do tipo. Não existe uma parceria institucional entre essas instituições, apenas uma união de todos em torno do Vitória”, afirmou. O presidente do Vitória ainda fez questão de garantir que não recebe nada em troca do apoio que dá às organizadas. “Um clube de futebol só existe por causa dos seus torcedores. Nós não entendemos isso como troca, não existe uma troca. Nós apenas sabemos valorizar a importância da presença das torcidas organizadas nos nossos jogos. Não existe troca”, concluiu.

Durante as eleições, são escolhidos membros do Conselho Deliberativo, além do seu presidente e vice-presidente. Os eleitos se organizam em chapas pré-definidas, nas quais já foram escolhidos os membros e dirigentes da entidade. Tais

integrantes, quando eleitos, são empossados e devem convocar eleições para a presidência do Conselho Diretor. Para se candidatar ao cargo de presidente, o postulante deve ter exercido a função de conselheiro por, pelo menos, três anos. Depois de eleito, o presidente assume o comando imediatamente. Para Moisés Almeida, da UTV, o Vitória ainda não é um clube democrático, mas está no caminho para tal. “Existe uma diferença entre clube democrático e gestão democrática. A gestão do Vitória é uma gestão democrática? Eu digo que sim. Desde o Alexi Portela e agora com Carlos Falcão, o Vitória está muito aberto, receptivo. O clube ouve as críticas, as sugestões, as demandas e procura dar o encaminhamento necessário. Mas o clube não é democrático, tendo em vista que, como democracia, a gente supõe a participação da universalidade. Aí eu digo não só os torcedores que estão no estádio, mas os que estão fora de Salvador, da Bahia e do Brasil. Para ser democrático, o clube precisaria ter algum elemento que seja universal, para que todos que compõem essa grande nação fizessem parte ativamente para que se caracterizasse, de fato, em um clube democrático. Agora eu não sei se no futebol, mesmo com o viés político, enquanto um clube desportivo, cabe a democracia. Essa é uma outra

discussão que merece uma reflexão mais cuidadosa”, declarou. Presidente da TUI, Gabriel Oliveira também não acredita que o Leão possa ser considerado um clube democrático. “O Vitória é um clube que vem se democratizando, comparando com o passado, ele melhorou muito. Por exemplo, antigamente o conselho do Vitória era formado só por pessoas ligadas ao ex-presidente. Hoje eu sou conselheiro, componentes de outras torcidas organizadas que não têm esse poder, esse respaldo como torcida e são do conselho também. Existe fato de o sócio-torcedor poder votar, então aos poucos a gente vê que está surgindo uma democratização”, afirmou.

O Esporte Clube Bahia passou, no final do ano passado, por um processo que ficou conhecido como a “democratização tricolor”. Depois de uma intervenção jurídica, os sócios-torcedores puderam votar e escolheram o presidente Fernando Schmidt como o dirigente do clube por cerca de um ano, até que fossem realizadas novas eleições. Em meio a este contexto, a torcida do Vitória passou a exigir que algo parecido acontecesse no clube. São nove anos com o mesmo grupo político no poder. Nestes nove anos, os mandatários do clube foram eleitos pelos sócios-torcedores e, depois das eleições no fim de 2013, seu comando só volta a entrar em

xeque em 2016, quando se encerra o triênio dos atuais comandantes.

O Vitória reconhece que existe esta relação de proximidade e continua a se manter ligado a tais entidades. Além das torcidas organizadas, associações, uniões, movimentos de oposição, o clube passa a ouvir os próprios torcedores. Depois de uma gestão fechada para as sugestões e críticas externas, o que se vê é um avanço nas negociações. Quase um ano depois das eleições que mantiveram o grupo de Alexi Portela e Carlos Falcão no poder, o Leão continua a seguir o caminho rumo a uma democracia. Todos os representantes entrevistados para o desenvolvimento desta reportagem reconhecem que, para que esta relação se torne benéfica para todos, ainda falta um longo caminho a ser percorrido. No entanto, apesar de todas as discussões, a gestão rubro-negra não se mostra muito favorável a novos avanços. Assim como apontado pelos líderes das torcidas, pelo presidente da UTV e pelo presidente da Federação Bahiana de Futebol, o Leão precisa aceitar que as torcidas organizadas continuarão a ser torcidas organizadas do Vitória enquanto a Justiça permitir. O direito de associação, assegurado pela Constituição Federal, permite que estes grupos continuem a existir desde que eles sigam as regras estabelecidas.

A relação do Vitória com as torcidas ainda é repleta de falhas. No entanto, com o apoio das entidades responsáveis, o clube consegue gerenciar a presença dos seus torcedores sem que se comprometa como instituição. Existem diversos benefícios em uma aproximação com as organizadas, mas é preciso que o clube tenha cautela ao conferir “poderes” a estes grupos. A interferência no departamento de futebol e a cobrança durante o trabalho dos atletas e da comissão técnica estabelecem uma linha tênue entre o diálogo e o excesso de liberdades destes torcedores dentro do clube. Apesar disso, uma aproximação pacífica da diretoria com estas torcidas reduz os riscos de protestos violentos, como os ocorridos no Corinthians. Antes que esta relação seja prejudicada, é necessário que os limites das concessões do Vitória sejam estabelecidos.

Todos os torcedores que estejam dentro dos critérios de eleição podem concorrer a uma vaga no Conselho Deliberativo e, de acordo com o próprio Estatuto, têm o direito de se manifestar contra o que eles acharem errado e buscar o direito. Os torcedores organizados são uma parcela pequena, porém importante da torcida do Vitória. Sua força não pode e não deve ser desprezada e eles devem usá-la para buscar o interesse de todos os 2,6 milhões de brasileiros que escolheram o

Vitória como seu time. Afinal, o objetivo de todos é o mesmo: torcer pelo Leão onde ele estiver.
